Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data
Cod. SMD000036

OS "BICHOS DO FUNDO" E OS SISTEMAS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA NAS ALDEIAS SATERÉ-MAWÉ.

Por Alba Figueroa - COSAI/FNS/Brasília (para subsídio ao projeto de abastecimento de água no rio Marau, realizado pela ESAI-CORAM/FNS) - Brasília, 7/08/98

Para evitar as distorções na compreensão das explicações, valores e distinções estabelecidas pela cultura Sateré-Mawé a respeito da constituição e organização do mundo é importante se distanciar do marco dualista constituído pela oposição "bem e mal" da cultura cristã. A proposta é de se tentar apreender aspectos originais da cultura de um povo ameríndio, mestiço, mas dominantemente indígena, de língua tupi e, por isto, portador de uma memória cultural que viveu durante séculos outras influências, não somente as do judeo-cristianismo.

O pensamento cosmológico dos Sateré-Mawé representa o mundo em três níveis: o de cima (que nos chamamos 'céu'), o "do fundo", coincidente com zonas subterrâneas e subaquáticas, e o da terra, a superfície habitada pelos homens. Cada um desses níveis é diferenciado dos outros por qualidades específicas: O de cima é associado a qualidade "quente", o do fundo à qualidade "frio", e o da terra associado à qualidade "seco". Esta que é a propícia à vida humana, à saúde. Os estados mórbidos são associados, nas interpretações mais tradicionais ou ao fato de ter "apanhado frio" ou de ter "apanhado calor"[1].

Após uma convivência inicial, na origem do tempo, de todos os seres num mesmo e único nível, uma parte desses seres, chamados genericamente "tupanas", espécie de taumaturgos, teriam (se) estabelecido no nível dito "de cima". Eles são referidos mais como 'transformadores' do que como 'criadores'. A partir das transformações de coisas e seres pré-existentes, eles povoaram e organizaram o mundo. A ação cristianizadora de missionários

[1] Para maiores detalhes sobre a cosmologia e as representações referentes ao processo saúde-doença, confira-se: FIGUEROA, A.L.G. 1997! "Guerrières de l'écriture. commerçants du monde enchanté. Histoire. identité et traitement du mal chez les Sateré-Mawé (Amazonie Centrale. Brésil). Tese de doutorado em Antropologia Social e Etnologia de la *École des Hautes Études en Siences Sociales*, Paris.

Acervo ISA

católicos e evangélicos tem procurado reduzir uma pluralidade desses tupanas a um único 'Tupana', mas a representação pluralista antiga convive tranquilamente com o monoteismo cristão.

Uma outra parte dos seres da origem teria constituído "a terra" e uma outra parte se estabelecido "no fundo", sendo estes últimos, qualificados de "encantados". Tanto os tupanas "de cima", quanto os encantados "do fundo" são particularmente concebidos como seres capazes de realizar transformações ou em eles mesmos ou em outros seres do mundo. Os tupanas aparecem sobretudo associados aos tempos cosmogônicos e a surgimento das espécies, os encantados são representados como contemporâneos, importantes aliados, procurados na luta contra a doença e o infortúnio

De acordo com o sentido indicado pelos seus mitos, os Sateré-Mawé fazem uma distinção simbólica entre, pelo menos, dois tipos de água do ambiente: a da chuva, que no início teria sido pouca, e aquela abundante e profunda dos grandes rios da Amazônia. O fator de diferenciação parece ser a associação com o lugar de procedência dominante da água: acima, a da chuva, e embaixo: terrestre ou subterrânea, a dos rios.

Na origem da água pouca, esta um dos tupanas considerado como um ascendente direto, isto é como um consangüíneo, com figura humana, paternal, com o qual as relações são de total confiança. Essa água seria a autotransformação voluntária desse tupana. De outra parte, na origem das águas que se tornaram o rio Amazonas está um personagem que foi transformado nelas por arte de feitiçaria realizada por uma das primeiras mulheres da terra, cuja identidade se confunde com a de serpente. Esta figura é associada às profundezas, sendo a insegurança, a ameaça, o perigo de morte o sentimento que ela inspira. Essa figura fusão de mulher e serpente é representada como sendo a regente dos líquidos.

Nas cosmogonias dos povos tupi e guarani as cobras aparecem entre os primeiros seres que povoaram à terra. Nas tradições míticas indígenas de América do Sul, ela são referidas enquanto símbolo de um dos temas que recorrentemente preocupam a humanidade, independentemente das diferenças culturais: o da oposição 'morte / imortalidade'. De acordo com o

Acervo ISA

imaginário de muitos grupos indígenas, o fenômeno de mudança de pele, observado nas cobras, é interpretado como uma certa forma de imortalidade. Daí não ser infreqüente escutar os índios dizerem, que as cobras não morrem, mas apenas mudam de pele. Por outra parte, a imagem das cobras permite associações ou bem com o veneno mortífero que algumas delas possuem ou bem com os ambientes úmidos nos quais muitas delas habitam. Por isso a figura das cobras é também suporte de outros temas derivados do anterior como é o da transformabilidade. A umidade é condição propícia à podridão, constituindo esta uma transição do estado sólido ao fluido, por exemplo. A umidade, associada à qualidade "frio" é condição propícia á doença, que é um estado de transição entre a vida (estatuto próprio ao nível térreo) e a morte (estatuto alienado desse nível térreo).

As fases de transição de ciclo de vida pela que atravessam os seres humanos são interpretadas em termos de transformabilidade. As principais dessas fases são o parto, a menstruação/puberdade e a morte, todas elas marcadas por condições espontâneas ou provocadas, específicas do sangue. No parto o sangue constitui marca, associada ao surgimento da vida. Na menstruação, ele se associa à possibilidade de fecundação e procriação. No caso da puberdade masculina, com o ritual de submissão à ferroada das formigas tocandeiras (ritual de *Watyamã*) é feita uma intervenção a nível do sangue[2]. A morte, em fim, é marcada pelo aniquilamento da pulsação e do fluxo sanguíneo, pela palidez anêmica do cadáver.

A ocorrência espontânea e regular de sangue externo, fenômeno exclusivo do ciclo vital das mulheres (parto e menstruação) é bastante elaborado simbolicamente. Na medida em que tais eventos denunciam fases de transformabilidade, eles são considerados perigosos à própria mulher, que se torna suscetível de alterações geridas pelo nível "do fundo" que é o que rege os líquidos. O sangue, sendo um líquido, é representado como regido pelas leis que afetam as águas.

---

2 A ferroada é assimilada a uma injeção de frio proveniente "do fundo" de onde são tiradas as tocandeiras e onde regem as cobras, sendo estas expressão de um princípio feminino. A dança intensiva durante o ritual é concebida como uma operação de aquecimento do sangue, pelo qual o rapaz ferrado afirma sua pertença ao nível térreo do cosmos.

Acervo ISA

As crianças pequenas, cuja estrutura, constituída de um corpo e de uma "sombra" ('alma') cuja relação não está ainda consolidada, são também suscetíveis de transformações. Igualmente os rapazes adolescentes em fase de transição da infância a idade adulta, transição ritualmente construída, através da aplicação de tocandeiras, são tidos como suscetíveis ou vulneráveis à transformabilidade.

Os rios de porte médio e grande enquanto concebidos como espaços territoriais dos encantados e dos "bichos" que compõem a paisagem "do fundo" são lugares considerados pela cultura sateré-mawé como perigosos para todos aqueles que estejam vulneráveis à desvios indesejados durante essa fase transformabilidade. Trata-se, por tanto de lugares considerados de risco, desaconselhados para parturientes, crianças pequenas, jovens em fase púbere (moças novas e ferrados pela tocandeira) e mulheres menstruadas.

Cabe destacar que a observação etnográfica tem registrado uma forte tendência dos adultos a inibir as brincadeiras e a permanência prolongada das crianças na água (dos rios). Estas, por sua vez, como todas as crianças do mundo se mostram felizes brincando no rio e resistem às repreensões de mães e avós. Mas escutam tantos apelos e histórias exemplares visando criar medo de ficar barulhando no rio que terminam reproduzindo o comportamento quando chega a hora de terem seus próprios filhos. O uso da água longe do rio não tem, entretanto restrição alguma. É previsível que as brincadeiras com água da torneira sejam toleradas e até estimuladas para neutralizar o desejo das crianças de irem ao rio. Lembrar-se-á que o calor na região é forte em qualquer época do ano.

Outro aspecto a levar em consideração é o costume dos adultos de irem trabalhar na roça e deixar as crianças em casa. É comum sítios ou aldeias ficarem durante o dia inteiro só com a presença de crianças. Em Vila Nova, Marau, os próprios líderes pediram que as torneiras coletivas que foram propostas e aceitas por eles tivessem acesso controlado a chave. Eles pensaram na possibilidade do sistema ser logo danificado pela ação das crianças entusiasmadas com o "brinquedo" novo.

Em fim, o medo ancestral dos "bichos do fundo", representados simbolicamente por "cobras" mitológicas que habitam nos rios , poderá influir para que, no caso da implantação de um sistema de distribuição de águas através de torneiras domésticas, ocorra a substituição generalizada do rio pela das torneiras. Não só se procuraria suprir as necessidade do consumo alimentar, mas, provavelmente as de banho, lavado de roupa e lazer das crianças. A população estaria melhor equipada para evitar a ida ao rio por medo das cobras. Não porque estas sejam símbolo do mal o do demônio, mas de transformações, alterações provocadas pelo regime que comanda o nível cosmológico do fundo e a todos os seres pertencentes a ele, próximos, ligados ou influenciados por ele. Os seres humanos ficam expostos a essa influência durante fases de transição de ciclo de vida, influência que se manifesta como "frio", doença, infortúnio, processo de "encantamento" ou morte.

Pelo anteriormente exposto é procedente prever que no caso da instalação de um sistema de abastecimento de água nas aldeias sateré-mawé, nas quais as tradições ligadas à compreensão cosmológica original são muito fortes, a probabilidade de um uso intensivo de torneiras domésticas é alta, como fonte de água simbolicamente menos perigosa que o rio. Sem a construção de sistema de escoamento de água também domiciliar, isso implicaria num impacto ambiental importante, por conta da multiplicação de poças e com elas das condições favoráveis a criadouros de mosquitos vetores de doenças infecto-contagiosas (dengue, febre amarela, malária) e de parasitas intestinais.

Um sistema de abastecimento de água potável em que a distribuição em vez de domiciliar seja através de um número pequeno de torneiras coletivas, estrategicamente localizadas de modo a atender a todos os aglomerados de casas nas comunidades servidas é uma solução mais recomendável, no caso sateré-mawé. Para reforçar a eficácia desta solução, os custos da instalação domiciliar seriam reprogramados para dotar as torneiras coletivas de materiais resistentes e complementadas de um esquema de escoamento simplificado.

Além de evitar o impacto ambiental essa solução favoreceria a sustentabilidade-durabilidade do sistema, pois o potencial de

envolvimento do interesse coletivo é maior. Teria muitos interessados em evitar o inadequado manejo do equipamento. As torneiras domiciliares reforçariam pelo contrário a privatização da vida quotidiana e com isso a desarticulação do sistema produtivo. A produção da farinha de mandioca e o guaraná são o pilar de sustentação da economia dos Sateré-Mawé, e ela depende da articulação coletiva dos "puxiruns" (mutirões), os quais dependem de acordos formais e da urdidura das confluências espaciais e dos pequenos gestos solidários do cotidiano.
O uso inadequado do equipamento domiciliar dificilmente seria contestado e os danos de conserto custeados devido à precariedade do poder de compra dos Sateré-Mawé. O rio, de todas maneiras continuará no mesmo lugar e o abastecimento voltaria a ser feito como se o sistema hidráulico nunca tivesse sido implantado. Os problemas de saúde e infortúnio continuariam a ser tratados pelos pajés, como sempre foram e a morbi-mortalidade infantil por doenças diarréicas e desidratação continuaria a escapar das mãos dos agentes de saúde, que não contarão com o reforço de um sistema de abastecimento de água potável. A caixa alta do reservatório não servirá mais do que para continuar a divulgar as instituições responsáveis pela obra.

O interesse pelo estudo dos impactos que a nível da cultura possam decorrer de uma determinada intervenção sanitária (ou de outro caráter) se centra nos desdobramentos na ordem epidemiológica que tais impactos culturais venham a induzir, como procuramos ilustrar com o caso Sateré-Mawé.